

# DISCURSO, TEXTO E SENTIDOS: UM OLHAR PARA ALÉM DAS HERANÇAS POSITIVISTAS.

## DISCOURSE, TEXT AND SENSES: A VIEW BEYOND POSITIVIST HERITAGES

Ana Zandwais<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este artigo tem como objetivo abordar princípios teóricos e metodológicos envolvidos em diferentes teorias para caracterizar o discurso como um objeto híbrido de investigação. Buscamos refletir, aqui, sobre as influências que determinaram a construção da noção de discurso, considerando as heranças do estruturalismo, do positivismo, a noção de formação discursiva produzida pela teoria de Michel Foucault e o modo como L. Althusser responde ao conceito de alienação inspirando Michel Pêcheux a repensar em torno de uma noção não positivista de discurso.*

**Palavras-chave:** Discurso; Sentido; Epistemologia.

**Abstract:** *This article aims to discuss on theoretical and methodological principles involved in different theories to characterize discourse as an hybrid object of investigation. We try to reflect here about the influences that determined the construction of the notion of discourse, considering the heritages of structuralism, positivism, the notion of discursive formation produced by the theory of Michel Foucault and the way L. Althusser answers to the conception of alientation inspiring the French philosopher Michel Pêcheux to rethink about a non positivist notion of discourse.*

**Keywords:** Discourse; Sense; Epistemology.

### 1 Introdução

A relação entre discurso e texto, embora superficialmente pareça não suscitar maiores questionamentos, é uma relação controversa e carregada de muitas tensões, na medida em que o que aproxima ou diferencia o objeto discursivo do objeto textual são os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos de que têm se servido os linguistas e analistas de discurso para definir estas noções. E como tais pressupostos são de dife-

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e Letras pela PUCRS. Professora Titular do Instituto de Letras da UFRGS.

rentes ordens e buscam responder a questionamentos que atendem a interesses distintos e contraditórios, é importante compreender, em primeiro lugar, que para tratarmos com o objeto textual ou o objeto discursivo é mister que entendamos a que relações entre o objeto e questões epistemológicas e práticas estamos nos reportando.

Esta questão parece tornar-se mais complexa na medida em que nos propomos a reconhecer que para compreender os critérios que afastam ou aproximam o objeto textual do objeto discursivo é preciso que reflitamos em torno das influências que dominam os “campos de movimentação” das concepções de textualidade, entre os domínios da teoria e da prática.

Começemos esta discussão apresentando alguns fundamentos que caracterizam as especificidades das noções de discurso e de texto nos âmbitos das teorias linguísticas para, a seguir, caracterizarmos sob que aspectos a concepção discursiva de Michel Foucault se afasta da empiria dos pressupostos das teorias linguísticas. Ainda com o mesmo propósito, buscamos uma concepção discursiva tomada da Análise do Discurso, mas repensada a partir dos escritos de Volochinov, Michel Foucault e Louis Althusser por Michel Pêcheux, no final dos anos 1960, na França, e que foi redimensionada durante os anos 1980.

Trataremos, deste modo, de buscar concepções discursivas que possibilitem refletir em torno de algumas questões que foram negligenciadas para a compreensão das condições que permitem explicar as relações entre uma exterioridade histórico-social e o funcionamento do objeto discursivo entendido como um processo e, ao mesmo tempo, o produto das condições de determinação desta exterioridade.

## ***2 A Unidade Discursiva e suas relações com a noção de formação discursiva a partir da ótica de Michel Foucault***

Se a obra de Foucault precisa ser colocada em destaque, no âmbito dos estudos discursivos, isto se deve, em primeiro lugar, ao fato de que foi Foucault o precursor de uma escola filosófica de tendências anti-positivistas que buscou desnaturalizar o objeto discursivo de sua condição de “empíria intralinguística”, de fechamento para o diálogo com outras áreas de conhecimento que extrapolam os limites da Linguística.

Segundo nossa ótica, a tradição dos estudos empíricos de textualidade foi sedimentada, sobretudo, a partir de concepções tomadas de estudos clássicos nos universos anglófono e francófono, podendo ser representa-

dos por obras como ‘*Cohesion in English*’ de M. Halliday e Hasan (1976) e ‘*Introduction aux Problèmes de Coherence des Textes*’ de Michel Charolles (1988), que ilustramos, com algumas passagens, a seguir.

a) O texto pode ser definido [...] “*como uma unidade de linguagem em uso. Não é uma unidade gramatical como uma oração ou sentença; não é definido por sua extensão.*” Mas como qualquer *passagem oral ou escrita, tomada como uma unidade, não importando a extensão, e cuja tessitura pode ser caracterizada por relações coesivas ou de co-referencialidade atribuídas a diferentes itens lexicais ou gramaticais em uma dimensão espacial marcada pela linearidade*”. M Halliday e Hasan R. (1976: 1) *Cohesion in English*.<sup>2</sup>

b) “*Numa gramática de texto, a base do texto (sua representação estrutural profunda) é de natureza lógico-semântica: os constituintes frásticos, sequenciais e textuais figuram sob a forma de uma cadeia de representações semânticas ordenadas de tal maneira que sejam manifestadas suas relações conectivas. As regras de coerência agem sobre a constituição desta cadeia, sendo que as restrições que elas estipulam incidem (portanto) sobre traços (lógico) semânticos, isso é, afinal de contas lingüísticos. Mostrar-se-á, entretanto, que muitas destas regras ...exigem que sejam levados em conta parâmetros pragmáticos que remetem aos participantes do ato de comunicação textual. Com estas regras, as gramáticas de texto ultrapassam o simples âmbito do texto para abordar o plano do discurso (do texto em situação)*”.[...] Michel Charolles (1988: 48,49)

Conforme podemos observar, acima, o objeto textual ou discursivo, enquanto objeto teórico e ao mesmo tempo empírico, está determinado por traços de linearização dos elementos linguísticos, na superfície do texto, que passam a configurar suas relações coesivas ou de coerência textual, de tal forma que o modo de produção dos sentidos em uma cadeia textual ou discursiva depende ou das relações de correferencialidade dos elementos linguísticos (anáforas, catáforas, defintivações) ou de substituições lexicais, nexos lógicos ou ainda de elementos dêiticos que apontam para os ‘participantes da comunicação’ ou para a situação imediata de produção textual.

Desde esta ótica, portanto, o discurso, tomado enquanto “texto em situação” depende exclusivamente da determinação do funcionamento de

---

2 A tradução deste trecho do original do texto, datado de 1976, é de nossa responsabilidade.

elementos semânticos e pragmáticos. Este seria, pois, o universo de abrangência do enfoque da Linguística Textual, estando ancorada em fundamentos semântico-linguísticos para dar conta de questões endofóricas, e pragmáticas, e extrapolando tais fundamentos para reportar-se a questões exofóricas.

Michel Foucault, por outro lado, começa a desnaturalizar os enfoques estruturalistas de discurso em um texto intitulado ‘A Ordem do Discurso’ (1996: 9),<sup>3</sup> onde ele observa que a produção do discurso, em qualquer sociedade, está sempre sujeita a um conjunto de regras e de procedimentos que tem por finalidade selecionar e distribuir o dizer, colocá-lo sob controle a fim de que seus poderes e perigos possam ser neutralizados ou até mesmo interditados, já que o discurso em sua materialidade de fala ou escrita ‘cria lugares’, lugares estes que podem ser inquietantes, por produzirem efeitos inesperados, tais como deslocar sentidos ou mesmo colocar a descoberto nossas diferenças, nossos desejos, nossa impotência diante dos sentidos que emergem de tais lugares.

Conforme observa Foucault, na Grécia antiga, do sec. VI, o valor do discurso, ao qual era preciso submeter-se, porque ele tinha poder, advinha de quem o proferia, “por quem de direito e conforme um ritual requerido” (id., p.15). Seria o discurso dos governantes, da justiça, dos filósofos, enfim, o discurso cuja eficácia dos sentidos emanava da autoridade dos sujeitos que o proferiam.

Ao longo da história das civilizações, entretanto, a eficácia do dizer desloca-se de sua fonte de origem para estar concentrada em seu conteúdo; passa a ter como seu “centro de gravidade” os enunciados, que devem dar conta de seu sentido, sua referência. Deste modo, o “exercício do poder” do discurso desloca-se do âmbito da enunciação e dos lugares que ela representa para o plano interno dos enunciados, para a compreensão do funcionamento de suas estruturas.

Eis o percurso que conduz os domínios da Ciência da Linguagem para o campo da empiria estruturalista, um campo importante, sem dúvida, por tratar com a materialidade do que é sistêmico, do que é regular, mas que ao mesmo tempo, promove muitas exclusões, sobretudo em relação às possíveis convergências entre os enunciados e os acontecimentos em que estes se inscrevem.

A questão crucial, para Foucault, em relação a este processo de deslocamento do “centro de gravidade” dos sentidos no discurso passa a ser, então,

---

3 O original desta obra intitula-se ‘L'ordre du discours. Leçon inaugurale au college de France’, que consistiu de uma Conferência inaugural proferida durante o ano de 1970.

indagar-se em que consiste a unidade material de um discurso. Trata-se de questionar a possibilidade de aceitação de uma unidade homogênea, uniforme, capaz de ser sustentada em termos de suas próprias sistematicidades internas.

Entendendo, pois, que a unidade do discurso seria somente aparente, já que em ‘Arqueologia do Saber’ (1987), Foucault observa que todo discurso não é senão efeito de dispersões (id. p.26), o autor configura sua unidade material empírica, o texto, por depender de um sistema de remissões a outros textos, podendo o objeto discursivo ser metaforizado à semelhança de ‘um nó em uma rede’.

Na medida em que o discurso é tomado como efeito de dispersão, por outro lado, o jogo de remissões que o constitui não possui uma lógica linear, simétrica. O volume material de uma unidade discursiva é visto como heterogêneo e constitui-se através de um feixe de relações que configuram os modos de dispersão do sujeito.

São, assim, as operações interpretativas do sujeito que permitem que ele construa uma unidade, um volume material, o qual Foucault designa discurso.

Com vistas a refletir, de modo prático sobre a questão, Foucault se reporta à obra de outros filósofos como Nietzsche, por exemplo, considerando que textos de Nietzsche como ‘Assim Falou Zaratustra’, ‘Crepúsculo dos Ídolos’, ‘A Gaia Ciência’, suas cartas, suas anotações formam uma unidade totalmente heterogênea e aberta. O que possibilita que sejam considerados uma unidade discursiva, para Foucault, deste modo, é o princípio da interpretação, a partir do qual os sentidos serão distintos e suscetíveis de serem outros, diante dos acontecimentos e das reinterpretações que estes suscitam.

Foucault (1996, p. 22) observa também que há nas sociedades “uma espécie de desnivelamento entre os discursos”. Há aqueles que se produzem no cotidiano da vida e que se reproduzem no correr das trocas conversacionais, os discursos fundadores que estão na origem de outros discursos que os retomam, os discursos que, para além de suas formulações se cristalizam, há aqueles que glosam, comentam e ainda, em sua incompletude, os discursos que estão por dizer. É a partir do reconhecimento deste leque amplo que caracteriza o funcionamento dos discursos que Foucault irá sustentar que a prática da exegese se transforma em função da própria heterogeneidade, da descontinuidade entre os discursos, justificando os desníveis entre eles.

É com base nesta ótica, portanto, que, para ele (1987), uma unidade discursiva constitui uma singularidade de acontecimento, mas que se constrói na descontinuidade, na emergência dos próprios acontecimentos, na irrupção histórica.

Para que seja entendido como materialidade discursiva, por conseguinte, o enunciado precisa estar articulado a um acontecimento que nem a língua, nem a enunciação podem esgotar inteiramente.

O enunciado, deste modo, configurado como “um nó em uma rede” faz referências a redes que passam a ser suscetíveis de se tornarem outras, de se constituírem de modo alinear, a partir das interpretações que recebe.

É desde esta perspectiva que entendemos poder considerar Foucault como um precursor de uma concepção não estruturalista de discurso, já que ele rompe tanto com o formalismo próprio aos procedimentos analíticos da Linguística como com o determinismo de uma concepção de história que se limita a examinar os fatos sob os eixos da linearidade, da sucessividade.

A forma de questionar o determinismo da repetibilidade da história<sup>4</sup> sobre o discurso não se limita, para Foucault, em mobilizar os sistemas de regularidades, de fronteiras, de cortes e de descontinuidades que presidem uma unidade discursiva. Se há uma unidade discursiva, esta precisa ser pensada tanto em termos de suas sistematicidades, de seus protocolos e procedimentos a partir dos quais os objetos são observados, como a partir dos modos de reformulação e transformação dos objetos e conceitos de que o discurso trata.

Para Foucault, portanto, a unidade discursiva não pode ser compreendida como um objeto acabado, ao contrário, precisa ser tomada como uma formação, ou seja, como um objeto em permanente condição de devir.

É, por conseguinte, a idéia de processo que vem a sustentar o discurso como uma formação determinada. Este deixa de ser um objeto acabado e passa a ser pensado como um objeto sujeito a reformulações, transformações, em virtude do modo como é afetado pelo acontecimento, pelas condições que o delimitam “no jogo de sua instância de emergência”.

A individualização de uma Formação discursiva, desta forma, está sujeita à observação tanto do modo como os objetos se perfilam, às regularidades que caracterizam a instância enunciativa, como aos conteúdos históricos que, relacionados aos acontecimentos, possibilitam pensar a identidade da formação discursiva.

A caracterização de uma Formação discursiva como um sistema de dispersão, na obra de Foucault, permite-nos, por fim, pensar o objeto discursivo em sua heterogeneidade, como uma “unidade dividida” não transparente, não visível na coerência horizontal e linear dos enunciados que o

---

4 É importante lembrar que na base das investigações linguísticas a condição do histórico pode ser plenamente respondida através de estudos de natureza diacrônica, independentemente do fato de que diacronia e história não coincidam, não sejam simétricas.

constituem e que Foucault busca delimitar a partir da prática da exegese, embasando-se na observação de seu sistema de formação, de suas sistematidades, de suas formas de partição, de perfilhamento e de transformação.

### ***3 A noção de Formação Discursiva desde a ótica de Michel Pêcheux***

Se podemos afirmar que existem aproximações entre os escritos de Michel Foucault e os escritos de Michel Pêcheux, em primeiro lugar é preciso considerar que apreender o objeto discursivo como uma formação demanda inscrever este objeto na noção de processo e determiná-lo a partir de uma exterioridade.

Esta relação entre o objeto e a exterioridade é que irá conferir a especificidade que adquire a noção de formação discursiva na obra de Pêcheux, já que as formas de interação entre a base linguística e os processos discursivos serão refletidas por ele, no entanto, a partir de pressupostos materialistas.

Em primeiro lugar, faz-se necessário pontuar que a disciplina de Análise do Discurso é fundada dentro de um quadro epistemológico heterogêneo que compreende três regiões do conhecimento: a) 'o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações; b) a Linguística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; c) a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.' (Pêcheux, Fuchs, 1990, p. 164-65). O que importa destacar, nesta composição, sobretudo, não são os domínios da Linguística, mais estáveis e controlados, e sim como determinados conceitos materialistas que pressupõem uma concepção de história não linear, não sujeita à repetibilidade, possibilitam a construção de dispositivos analíticos.

Temos, deste modo, o materialismo histórico como a base, o suporte epistemológico capaz de dar sustentação ao funcionamento dos processos discursivos que, engendrados, por um lado, pelo modo como os enunciados são formulados, e, por outro, pelo modo como remetem à ordem da história e passam a significar, permitem explicar como se produz o trabalho dos sentidos no discurso.

A questão acima parece ser fundamental, já que tratar dos processos discursivos, articulando-os a uma teoria de base materialista calcada em pressupostos marxistas<sup>5</sup> e marxistas-leninistas demandava, para Pêcheux,

---

5 Reportamo-nos, notadamente à influência dos escritos de Marx presentes na 'Ideologia Alemã' e à obra de Louis Althusser, de tendências marxistas-leninistas e que influenciaram as bases de construção, por Pêcheux, de uma teoria discursiva fundamentada nas lógicas dialética e materialista histórica.

um novo desafio, já que nem Marx, nem Lênin teriam saído da condição de superficialidade em relação à problemática da descrição do funcionamento da linguagem, estando esta inscrita ou em processos histórico-sociais de comunicação, necessários à subsistência em circunstâncias de colonização, de dominação, ou sendo balizada por relações contraditórias próprias das correlações de forças presentes nas lutas de classes, ainda que carente de reflexões específicas sobre seu funcionamento concreto no âmbito das lutas sociais.

É, pois, na esteira de alguns predecessores como Foucault, L. Althusser e Volochinov<sup>6</sup> que Pêcheux irá começar a refletir em torno do funcionamento concreto da língua em seu trabalho discursivo e descrever o modo como aquela se inscreve nas práticas sociais, configurando processos discursivos que emergem em determinadas condições históricas através das relações de desigualdade, subordinação, antagonismo e de aliança entre as classes, observadas no interior dos aparelhos institucionais. E para tanto, Pêcheux precisaria também ancorar-se em estudos realizados por L. Althusser em “A Reprodução (1999).

Tais considerações já nos permitem iniciar uma reflexão em torno das contribuições teórico-práticas de Pêcheux, tanto para a constituição de uma disciplina de base materialista articulada, simultaneamente, em torno de uma base sólida – a língua(gem) – como para explicar o discurso como processo ancorado em deslocamentos e desarranjos contínuos da fixidez da base linguística em virtude dos acontecimentos históricos em que ela se inscreve.

Parece-nos que uma das questões cruciais, para Pêcheux, em relação ao tratamento do objeto discursivo, e que vem aproximá-lo das teses volochinovianas, no que tange às relações entre o funcionamento dos sentidos e o funcionamento da ideologia, e, de modo determinante, das teses althusserianas, consiste na forma como L. Althusser (1999) traz para o campo da prática concreta, da objetividade, a questão da ideologia, conferindo a esta noção um estatuto operacional sólido, que pode ser analisado pelo funcionamento das formações ideológicas no interior dos aparelhos, pelas práticas classistas que se desenvolvem dentro dos aparelhos de Estado e que “traduzem” tanto o modo através do qual são reproduzidas as relações

---

6 Fazemos referência, sobretudo, à obra ‘Chto Takoe Yazik’ publicada em ‘Literaturnaja Uceba’ e traduzida como ‘Qu’est-ce que La langue et Le langage’ (2009) por Patrick Sériot. Neste estudo Volochinov reflete sobre o papel da linguagem dentro das diferentes estruturas sociais e sobre as relações entre o seu funcionamento e a ideologia do cotidiano. Michel Pêcheux, em seu célebre texto intitulado “Remontémons de Foucault a Spinoza” (1980: 181) reporta-se diretamente ao papel fundamental de Volochinov para a reflexão em torno das relações entre a prática política e a prática linguística.



de produção, como as condições em que se materializam as correlações de força entre as classes no interior destes aparelhos.

É precisamente tomando a noção de formação ideológica como um alicerce para pensar de que modo o discurso funciona concretamente no interior das formações ideológicas que Pêcheux irá inscrever o trabalho orgânico do espaço do político e do lugar da contradição em sua teoria, a partir da compreensão de que seria necessária uma noção empírica de discurso, capaz de relacionar-se de modo contraditório com a noção de Formação Ideológica (FI), cujo funcionamento lhe permite compreender, através da teoria de Althusser, o monopólio das relações de reprodução como o determinismo histórico da alienação.

Entendendo, por outro lado, que não há uma correspondência simétrica entre uma Formação Ideológica (FI<sub>d</sub>) e uma Formação discursiva (FD) é que Pêcheux irá explicar as condições em que se produzem os processos discursivos, já que no interior de uma mesma FI<sub>d</sub> podem conviver, de modo contraditório e até mesmo antagônico, diferentes FDs que se reportam à própria condição desigual do modo de funcionamento das Formações Ideológicas.

Assim, tratar da noção de formação discursiva, sob a forma dialética de operar sob condições de instabilidade, intervindo na própria fixidez da matéria linguística foi uma importante forma de pensar o papel da contradição em uma teoria de base materialista, mas também de responder às lacunas presentes no interior da teoria althusseriana, já que a noção de formação ideológica, tomada como um complexo de representações, rituais, práticas que se desenrolam no interior dos aparelhos de Estado e que se reportam “a posições de classe em conflito” (1975:233) não responderia à questão sobre as condições de funcionamento do discurso como materialidade empírica capaz de inscrever-se em uma ordem simbólica específica e de dotar de significação as práticas que se desenrolam no interior dos aparelhos institucionais.

O objeto discursivo, tomado, portanto, enquanto um processo determinado por condições de produção sócio-históricas produz sentidos como efeitos de construções ideológicas (práticas, retóricas) e das formas de representação que identificam as relações de pertencimento identitário dos sujeitos às FI<sub>d</sub>s e FDs e, sobretudo, aos lugares que estes ocupam ou se atribuem nas relações de produção.

Esta reflexão parece ocupar um lugar singular na teoria de Pêcheux, já que, para ele, a ideologia somente pode ser apreendida a partir de um olhar em torno das diferentes materialidades através das quais esta se constitui e se propaga: a) as materialidades simbólicas que remetem ao campo das

diferentes formas de produção e que se configuram como práticas sociais (visuais, gestuais, sonoras, rituais); b) as materialidades simbólicas que remetem ao campo do discurso e que trabalham na quase invisibilidade da condição de sedimentar e cristalizar os sentidos que se tornam dominantes em diferentes relações de produção.

É o próprio Pêcheux (2009: 21)<sup>7</sup> quem traduz o paradoxo da Análise do Discurso que pode ser observado na prática indissociável da reflexão crítica que a AD precisa fazer. Por um lado, precisa refletir em torno da evolução problemática das teorias linguísticas. Por outro, sobre as transformações no campo político-histórico, de tal modo que a noção de FD somente pode ser compreendida se alicerçada, ao mesmo tempo, a materialidades de diferentes ordens: históricas, enunciativas e linguísticas.

É importante considerar, por outro lado, que ao tratar das condições heterogêneas e desiguais em que se produz o trabalho da ideologia, Pêcheux irá não somente tratar do modo de produção/reprodução das práticas e dos sentidos no interior dos aparelhos ideológicos, como faz Althusser (1999) em seu célebre texto “A Propósito da Reprodução das Condições de Produção”, mas também caracterizar o espaço da desigualdade no interior dos aparelhos ideológicos como um lugar ambíguo, passível de reprodução, e, ao mesmo tempo, de transformação. Assim, para Pêcheux, [...], “seria absurdo pensar que numa conjuntura dada, todos os aparelhos de Estado contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para a sua transformação” (1988: 145).

É, pois, a partir da observação da condição desigual em que se produz o trabalho da ideologia que Pêcheux consegue se desvencilhar das heranças “positivistas”<sup>8</sup> presentes na teoria de Althusser, segundo nosso ponto de vista, já que é no âmbito do funcionamento concreto da dialética no interior dos aparelhos ideológicos e no modo de relação entre posições desiguais tanto no interior dos aparelhos como no interior das FDs que se faz possível extrapolar as condições de “determinismo” das formas de circulação dos sentidos.

Ao tratar desta questão, Pêcheux observa, de modo enfático, que [...] *“ao falar de ‘reprodução/transformação’ estamos designando o caráter in-*

---

7 Reportamo-nos ao texto “O Estranho Espelho da Análise do Discurso” que prefacia a Tese de Doutorado de Jean Jacques Courtine intitulada “Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos”, apresentada em 1980 na Universidade de Paris-Nanterre, também traduzida para a Língua Portuguesa (2009).

8 Courtine (2009: 81) critica o modo com Althusser descreve o funcionamento da noção de aparelho ideológico de Estado, reportando-se ao fato de que através de sua descrição Althusser condena o trabalho da ideologia à condição permanente de reprodução.

*intrinsecamente contraditório de todo modo de produção*” e que “*seria errôneo localizar em pontos diferentes, de um lado, o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para a sua transformação.*” (1988:144).

Esta reflexão sobre o funcionamento orgânico das relações intrincadas entre as Flds e as FDs, segundo nossa ótica, vem caracterizar, de modo concreto, o fato de que os aparelhos ideológicos servem de palco tanto para as relações de produção/reprodução como para as condições de transformação das relações de produção, considerando-se que as lutas de classe e as práticas de resistência e de revolta ocorrem de forma simultânea no interior dos aparelhos, variando em termos de correlações de força: relações de dominância, subordinação/insubordinação. E é justamente a partir deste prisma que Pêcheux constata que a ideologia não pode se reproduzir sob a forma de um *zeitgeist* ou ‘espírito de uma época’, o qual se impõe de forma homogênea e repetitiva na sociedade ao longo dos tempos, ocasionando a repetição da história e o “congelamento dos sentidos”. Eis porque ele precisa “conjuguar” de modo contraditório as relações entre Flds e FDs a fim de liberar seu objeto – a formação discursiva – de injunções deterministas.

Deste modo, ao reformular as bases do pensamento de L. Althusser sobre o funcionamento da noção de Fld Pêcheux consegue também refletir melhor em torno das possíveis “fronteiras reais entre objetos reais”, o que vem contribuir para que ele repense sob que condições a noção de FD<sup>9</sup> precisa ser descrita: não a partir de condições de produção estáveis, homogêneas, mas, ao contrário, com base na observação dos modos como esta, em suas condições de “permeabilidade” se reproduz, mas ao mesmo tempo se desarranja e se transforma no seio das correlações de forças e do jogo de interesses que movem as classes no curso da história.

#### ***4 Algumas considerações para fechar***

Para efeitos de “fechamento” deste estudo é importante que se observe que a noção de FD, construída por Pêcheux, embora divirja da noção de Formação discursiva proposta por Michel Foucault, apresenta algumas características, pelo menos, que vão ao encontro da última. Dentre elas, fazemos referência à noção de formação para tratar do discurso como objeto

---

9 É importante lembrar que a noção de Formação Discursiva inicialmente proposta por Pêcheux pressupõe condições de produção estáveis e homogêneas, o que a abstrai de pressupostos que se articulam às bases do materialismo histórico.

e ao mesmo tempo como processo que está atado à história e ao acontecimento, ou seja, à condição de devir. Queremos dar destaque, por outro lado, aos esforços empreendidos por ambos para desalojar a noção de discurso de intervenções formalistas e estruturalistas que vêm ao encontro de uma concepção positivista de ciência, própria das ‘ciências régias’, e que, como muito bem enfatiza Pêcheux em ‘Discurso: estrutura ou acontecimento’ (1990) detêm o monopólio na escala de legitimação das ciências acadêmicas. É importante, por outro lado, que se diga também que, não obstante todos os esforços feitos por Pêcheux para tratar do discurso como uma concepção despojada de influências positivistas, a noção de discurso tomado como acontecimento é tardia em sua obra, diferentemente do modo como ela é vista nos estudos de Volochinov, embora ambos estejam também voltados para uma questão comum: refletir sobre o funcionamento e os efeitos das ideologias nas diferentes formas de ordenamento jurídico-político.

É, portanto, a partir de uma trajetória que envolve comprometimentos, avanços e recuos para a adoção de perspectivas não-positivistas de discurso, no caso de Foucault, uma perspectiva arqueológica, no caso de Volochinov e Pêcheux, perspectivas marxistas, e em relação ao último, uma perspectiva genuinamente marxista-leninista, que se pode refletir de modo consistente em torno dos avanços que o processo de “desnaturalização” dos paradigmas das ciências régias impostos à Ciência da Linguagem possibilitam às teorias discursivas. Somente assim, a noção de discurso será configurada também como um espaço para a compreensão de relações desiguais e contraditórias presentes nos modos de produção dos sentidos, podendo esta noção ser compreendida como um processo que se alimenta de relações descontínuas e discrepantes, e conferindo, em última instância, um caráter mais emancipatório à disciplina de Análise do Discurso, tanto em relação à força da tradição dos estudos formalistas e estruturalistas no seio dos estudos da linguagem, como em relação à hegemonia das heranças positivistas no interior dos estudos materialistas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira
- CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, Charlotte (org.), *O texto: leitura e escrita*. Campinas, Pontes, 1988, p. 39-85. Trad. Paulo Otoni

- COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Ed. EDUFSCAR, 2009. Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Leçon inaugurale au Collège de France prononcé le 2 décembre 1970. Paris: Ed. Gallimard, 1971
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1987. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves
- \_\_\_\_\_. *Il faut défendre la société*. Cours au Collège de France. 1976. Paris, Ed. Seuil/Gallimard, 1997.
- HALLIDAY, M.A.K., HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman Ed, 1976.
- PÊCHEUX, Michel. Remontémos de Foucault à Spinoza. In: *El discurso político*. MONTFORTE, Mário (org.), México, UNAM Editorial, 1980, p. 181-209.
- \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al.
- \_\_\_\_\_. FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F., HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990, p. 163-252 Trad. Pérciles Cunha
- \_\_\_\_\_. O estranho espelho da análise do discurso. In: *Análise do Discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Ed. Edufscar, 2009, p. 21-26.
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Ed. Pontes, 1990. Trad. Eni P. Orlandi.
- VOLOSHINOV, Valentin N. Chto takoe Yazik? (Qu'est-ce que la langue et le langage?) In: *Marxisme et philosophie du langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Limoges: Ed. Lambert-Lucas, 2010. Trad. Patrick Sériot e Inna Tylkowski Ageeva.

*Recebido em: 26/06/2015. Aceito em: 21/07/2015.*